

Uma economia saudável é civilizatória

A construção de uma civilização é objeto de estudo e admiração, independentemente da localização geográfica ou do período histórico. O professor Carroll Quigley dedicou-se a compreender os processos de ascensão, expansão e declínio de impérios e civilizações. Segundo ele, a expansão de um império depende de quatro pilares principais:

- **Expansão demográfica:** aumento exponencial da população;
- **Expansão territorial:** ampliação das fronteiras e ocupação de novos territórios;
- **Expansão produtiva:** aumento da produção de bens para atender à demanda de populações em crescimento e colônias;
- **Expansão do conhecimento:** avanços técnicos que impulsionam os demais aspectos, especialmente a produtividade.

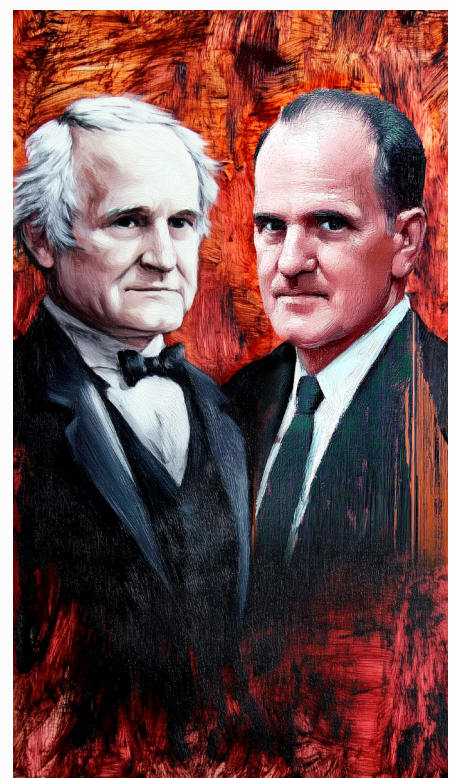
A civilização ocidental europeia seguiu esse padrão, protagonizando um processo de expansão em todas essas áreas. Para isso, foi necessária uma combinação de avanços técnicos, humanos e políticos, que resultaram em um forte senso de identidade e em progressos notáveis nas áreas de armamentos, agricultura, indústria e medicina. Esses setores estratégicos, fundamentais para a economia nacional, eram controlados pelo Estado e moldados por seus interesses.

O desenvolvimento econômico, assim, assume um papel central na civilização: quando bem-sucedido, promove progresso; quando fracassa, abre caminho para o retrocesso, o colapso institucional e, em casos extremos, a barbárie.

Nesse contexto, o economista Henry Charles Carey trouxe uma visão alternativa às teorias pessimistas de David Ricardo e Thomas Malthus, que enfatizavam o conflito de classes e a inevitabilidade da escassez. Carey defendia que a economia deveria ser um instrumento para harmonizar interesses, utilizar os recursos de forma racional e elevar as condições materiais e morais da sociedade.

Para Carey, a interdependência entre agricultura, indústria e comércio era essencial para o equilíbrio econômico. A agricultura forneceria matérias-primas, a indústria agregaria valor a esses recursos, e o comércio garantiria sua distribuição. Esse sistema, bem administrado, beneficiaria a sociedade como um todo, evitando a concentração de riqueza em uma única classe.

- A construção e expansão das civilizações pode nos ensinar onde estamos errando ou acertando enquanto nação.
- A Europa se estabeleceu enquanto império e se expandiu para além de suas fronteiras, passando por avanços em setores políticos, econômicos e institucionais.
- O desenvolvimento econômico é essencial no processo civilizacional.



Diferentemente do pessimismo ricardiano e malthusiano, Carey acreditava na inovação tecnológica como motor do progresso. Ele via nos avanços da produtividade uma oportunidade de reduzir os custos de bens essenciais, ampliando o acesso à riqueza e melhorando a qualidade de vida, sobretudo dos mais pobres. Mais do que um meio de acumular riquezas, a economia, segundo Carey, deveria ser um catalisador para o desenvolvimento moral, intelectual e cultural de uma sociedade.

A Europa e os Estados Unidos são exemplos claros de economias estruturadas com objetivos civilizacionais e foco no desenvolvimento humano. Os resultados são evidentes: a Europa dominou o mundo, e os EUA tornaram-se uma superpotência.

Ambos provaram os efeitos de fundamentar suas economias com objetivos civilizacionais, mesmo que hoje estejam sujeitas ao rentismo e a especulação.

E nós? Qual é o nosso caminho? Será que podemos negligenciar o papel do desenvolvimento humano como prioridade nacional? Ou seguiremos acreditando que soluções para problemas como saneamento básico, empregos dignos e segurança pública virão de políticas liberais, desconectadas das reais necessidades civilizacionais? Seremos o eterno país do futuro que nunca chega ou daremos, finalmente, um futuro para o país?

